

## Parte 2 - Geografia escolar: representações e ensino

A complexa abordagem geográfica de uma complexa geografia escolar: análise de experiências

Luciana Cristina Teixeira de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, LCT. A complexa abordagem geográfica de uma complexa geografia escolar: análise de experiências. In: SERPA, A., org. *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 117-137. ISBN 978-85-232-1189-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# A complexa abordagem geográfica de uma complexa geografia escolar

Análise de experiências

---

Luciana Cristina Teixeira de SOUZA

Professora, Universidade do Estado da Bahia

lunasouza@yahoo.com.br

## Do que o texto fala

Para iniciar esse diálogo, é importante alertar que este capítulo expõe reflexões decorrentes das experiências realizadas no espaço de atuação profissional da autora, onde leciona os componentes curriculares prática de ensino e estágio supervisionado em Geografia. Tem a pretensão de buscar interlocutores para fomentar a discussão sobre as possibilidades de uma “Geografia escolar das representações;” entretanto, não é desta última noção especificamente que o texto trata, o texto não pretende aprofundar as bases teórico-metodológicas que sustentam a temática das representações, a despeito disso, o texto intenciona reconhecer e avaliar os traços singulares de determinadas práticas e representações realizadas no interior dos espaços de experiência pedagógica, tendo, como sujeitos principais, alunos/as das referidas disciplinas, alunos/as destes alunos/as das escolas da rede pública de ensino e professores/as em formação no curso de Licenciatura em Geografia do campus V da Universidade do Estado da Bahia, localizado em Santo Antônio de Jesus. O texto reflete também a continuidade e os desdobramentos dos estudos sobre a temática percorrida durante toda a trajetória acadêmica da autora, iniciada com a produção da sua dissertação de mestrado defendida em 2002 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFBA. Busca, nesse momento, ampliar o aporte teórico-metodológico transferindo-o para outro recorte espaço-temporal de análise, qual seja, o espaço escolar e sua tão profícua produção geográfica. Para tanto, recorre ao amparo das novas abordagens epistemológicas que tendem a subsidiar as análises contemporâneas.

A opção pelo recorte de análise dar-se-á por meio da exposição panorâmica das referidas experiências, oportunizando o confronto analítico com a literatura temática disponível dentro das quais constam as idéias e produções teóricas de diversos autores que muito auxiliam na interpretação do/s objeto/s eleitos/s para as análises.

## Pelas lentes da “problemática da complexidade”

De início, pontua-se que as análises aqui realizadas são conduzidas pelas lentes focadas nas idéias do paradigma complexo, cujo principal repre-

sentante, Edgar Morin (1996), alerta para a necessidade de uma nova forma de enxergar e examinar a sociedade. Em suas elaborações sobre o papel da teoria e do método, o autor afirma que a primeira não deve ser vista como o conhecimento, mas ela deve permitir o conhecimento, ela não representa a chegada, mas deve possibilitar a partida, e que, ao sujeito, caberia o papel de re-significar o método. Para esse autor, a perspectiva clássica e simplificadora de analisar os objetos reduz o método a um corpus de receitas, a aplicações mecânicas, suprimindo o sujeito de seu exercício. Já na perspectiva complexa que ele propõe, o método precisa ser estabelecido com *estratégia, iniciativa, invenção e arte*. O método deve estar em interação com a teoria, e este a regenera, deve ser a “praxis fenomenal, subjetiva, concreta”, orientada por um paradigma, ainda que este possa ser regenerado. Segundo o autor, uma teoria complexa só é possível mediante uma recriação intelectual permanente (MORIN, 1996, p. 335 e 336).

Ao contrapor o paradigma da simplificação e o da complexidade, Morin propõe uma categorização dos princípios que norteiam a chamada inteligibilidade científica clássica e, em oposição, a inteligibilidade complexa. Desta forma, expõe uma sistematização não simplificada, mas reconhecendo as singularidades existentes em cada linha, cujo objetivo principal é o de confrontar os distintos paradigmas de pensamento que conduzem diferentes formas de interpretar a realidade.

## Aproximando as lentes da complexidade para a Geografia

A complexidade nos convoca para uma verdadeira reforma do pensamento, semelhante à produzida no passado pelo paradigma copernicano. Mas essa nova abordagem e compreensão do mundo, de um mundo que se “autoproduz”, confere também um novo sentido à ação: trata-se de fazer nossas apostas, o que vale dizer que com a complexidade **ganhamos a liberdade** (MORIN, 1998, p. 12, grifo nosso).

Ao iniciar um texto bastante elucidativo e inspirador sobre a relação da complexidade com a liberdade, Morin sugere a superação da ordem de um

pensamento funcionalista, cujos pressupostos da ciência clássica seriam, além da ordem, a separabilidade e a lógica. Esses pilares sustentam ainda hoje a “separação entre ciência e filosofia e, mais amplamente, entre ciência e cultura humanista – filosofia, literatura, poesia etc., e está instituída em nosso século como uma necessidade legítima” (MORIN, 1998, p. 12).

Argumentando e questionando a atualidade desses princípios, Morin aposta não na ruptura total com os mesmos, mas na entrada de “uma nova lógica, que nos permita integrar as contradições, mostrando que é possível promover um incessante jogo de circularidade entre nossa lógica tradicional e as transgressões necessárias ao progresso de uma racionalidade aberta” (1998, p. 17). Insiste em afirmar que a racionalização fechada considera que é a “razão que está a serviço da lógica”, enquanto a racionalização aberta propõe o contrário. A racionalização fechada não dá conta “das paixões, da vida, da carne dos seres humanos”, porque privilegiam os sistemas coerentes de idéias.

Dito isto, é por outra Geografia que possa, de fato, pensar que a “complexidade é respeitar a tessitura comum, o complexo que ela forma para além de suas partes”, por se pensar numa Geografia livre e aberta ao risco, que se forja, dentro do pensamento geográfico atual, uma nova forma de criar as bases e os métodos da ciência geográfica. Mas, Morin também alerta para o fato de que:

Não podemos produzir por decreto a reforma necessária [...] tal reforma consiste em passar para um paradigma de religação, conjunção, implicação mútua e distinção. Ela pressupõe uma mudança no ensino, que por sua vez implica uma transformação do pensamento [...] Um conhecimento pertinente é aquele que é capaz de contextualizar, isto é, religar, globalizar. A ação adquire um novo sentido: fazer as apostas [...] Supondo que desejemos o mínimo possível de coerção, o único cimento que nos resta é a solidariedade vivida (MORIN, 1998, p. 21-22, grifo do autor).

As reflexões que trazem a Geografia para o campo do pensamento complexo em muito contribuem para ampliar o olhar e superar as interpretações fechadas da produção científica contemporânea. Em particular, a coletânea de textos da obra *Geografia Ciência do Complexus* (2004) inaugurou uma nova racionalidade na abordagem geográfica, ao reunir inúmer-

ras, abertas e inovadoras reflexões que arejam o pensamento geográfico do tempo atual. Entre outros méritos do conjunto da obra, o debate sobre a Geografia dialogando com o paradigma complexo é o que há de mais original na maioria dos textos. Ao conduzir o pensamento para um caminho amplo de análises dos fatos geográficos, as idéias ali presentes dão sustentação epistemológica à exposição que se segue nesse capítulo.

## Enxergando a sala de aula (ou o espaço escolar) formal como espaço complexo

A Geografia é uma forma de leitura do mundo. A educação escolar é um processo no qual o professor e seu aluno se relacionam com o mundo através das relações que travam entre si, na escola e nas idéias. A Geografia e a educação formal concorrem para o mesmo fim de compreender e construir o mundo a partir das idéias que formam dele (MOREIRA, 2007, p. 105).

Em seu mais recente trabalho sobre os aspectos e o destino do pensamento geográfico, Rui Moreira (2007, p. 105-118) dedica um capítulo do seu livro para refletir sobre o papel desempenhado pela escola na produção e no fazer geográfico. Segundo este autor, outrora ter-se-ia uma Geografia supostamente “com forma e sem conteúdo”, uma vez que cabia à mesma apenas empregar princípios lógicos como localização, distribuição, distância, extensão, etc.; como, segundo ele, há muito, esses princípios teriam sido abandonados, restou uma Geografia “com conteúdo e sem forma”, por essa razão, caberia um resgate do arcabouço teórico-metodológico da Geografia nos “ambientes que formam o mundo vivo da Geografia. E a escola, sem dúvida é um deles” (MOREIRA, 2007, p.118). O autor propõe um retorno crítico à escola para atender à tarefa maior que seria atualizar os princípios, categorias e conceitos da Geografia moldados ao tempo presente.

Moreira também contribui lembrando a importância da análise das representações geográficas ao afirmá-las como sendo uma idéia. As idéias formariam o mundo e essas orientariam as práticas dos sujeitos, daí a importância e atenção que devem ser dadas a estas. Afirma ainda que as idéias não são uma invenção isenta, ao contrário, segundo o autor, seriam o resul-

tado da relação dos sujeitos com a realidade sensível que os cerca. Salienta que é muito importante ter consciência das representações diversas de mundo, pois,

[...] a idéia pode ser submetida ao fio crítico do debate, permitindo-nos: 1) refletir sobre as nossas leituras do mundo; 2) clarificar o modo como as produzimos e praticamos; 3) desfazer o dogma do conhecimento; 4) estabelecer os limites da teoria; 5) perceber que várias alternativas de representação são possíveis; e; 6) compreender o poder das idéias na transformação da sociedade em que vivemos (MOREIRA, 2007, p. 106).

Partindo dessa premissa, considera-se que o espaço da sala de aula é, ao mesmo tempo, complexo e profícuo para a análise e produção de um conhecimento geográfico rico e diverso. Dispensa-se aqui elencar todos os elementos e particularidades envoltas na realidade de uma dita Geografia escolar que justificariam essa afirmativa, ao invés disso, far-se-á a opção por selecionar apenas um dos muitos fenômenos observados naquele espaço/tempo e que, por si só, já é bastante significativo para mobilizar novas reflexões no pensamento didático-pedagógico do/a professor/a de Geografia.

É uma verdade dizer que se vive num “mundo das imagens”, onde há um predomínio do que alguns autores chamam de “cultura visual”, e que tem despertado o interesse de várias áreas do conhecimento como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Geografia, a História, entre outras. Trata-se de um novo campo de estudos que propõe que as atividades ligadas à Arte passem a ir além de esculturas e pinturas, incorporando a publicidade, objetos de uso cotidiano, moda, arquitetura, vídeos e outras representações visuais existentes (GENTILE, 2003, p. 44–49).

Afirmando esse pressuposto, muitos especialistas defendem como fundamental a iniciativa de desvendar o complexo universo visual do cotidiano dos grupos junto aos quais se intervem pedagogicamente. Esse exercício objetivaria a decodificação, em primeira instância, das distintas idéias de mundo pré-existentes. Um dos principais argumentos, quanto a essa necessidade, se dá em função do potencial narrativo existente nessas imagens impregnadas de mensagens que, por vezes, são explícitas, e, em outros casos, subliminares, mas todas carregadas de sentido e códigos representativos de um período histórico, de um espaço, de uma cultura muitas vezes domi-

nante. Portanto, buscar compreender a complexidade das representações dessas imagens do ambiente torna-se um ponto de partida fundamental para o trabalho pedagógico em sala de aula.

Oliveira JR (1994, 2000, 2002) discute a importância das imagens ou das “realidades ficcionadas” às quais os alunos seriam submetidos cotidianamente. Entre outras idéias, o autor considera a possibilidade de apropriação e aproximação das narrativas do *discurso científico*, realizada pelo professor, e a *versão televisiva ou “tele-percebida”*, como quer o autor, realizada por meio da mídia e/ou através dos recursos audiovisuais. Essa idéia teria como objetivo geral amparar com credibilidade e confiabilidade esse encontro de narrativas, “tranqüilizando nosso contato com elas e franqueando aos alunos maneiras de se aproximar destas imagens e sons com mais criticidade e inteireza” (OLIVEIRA JR, 2002, p. 361).

Vivencia-se cotidianamente, em sala de aula, duas realidades trazidas por discursos distintos e definidos pelo potencial de atração e sedução que cada versão carrega em si e oferece. Por conter esse potencial comunicativo, o elemento imagético é capaz de influenciar e supostamente definir a construção de mundo no processo de produção de conhecimento dos alunos.

Ampliando a análise, parte-se para outra problemática em torno da questão, a de que o mundo das imagens tem exercido papel decisivo no que tange à lógica da competitividade entre os lugares. Há reconhecida um esforço empreendido pelos poderes locais na construção de uma imagem positiva/atrativa dos lugares em diversas escalas geográficas, pois esse é mais um sentido desempenhado pelas imagens no mundo contemporâneo. É o sentido da “imagem social”, condição da imagem que é objeto de análise dos estudiosos da comunicação social. Essa noção estaria ligada à idéia de controle social exercido pelos agentes hegemônicos locais. E especialmente por isso surge a necessidade de não apenas “ler” as imagens do cotidiano vivido, mas, para além disso, complexificar, problematizar a análise e um posicionamento de forma crítica diante das mesmas, desvendando os significados contidos, reproduzidos e sugeridos no campo imagético dominante, pois, segundo Gottschall: “A imagem social pode ser rica em significados: auto-representação no mercado de trabalho, identidade individual, status social, auto-realização, significação de vida, inserção social [...]” (GOTTSCHALL, 1999, p. 32).



Dialogando com essa idéia, Serpa exemplifica os perigos da imposição da imagem ao afirmar que “o cotidiano se concebe como estratégia do Estado, [...] trabalhando para as classes médias urbanas, o Estado parece produzir apenas objetos e imagens que são, na verdade, testemunhos da desintegração e da desorganização da cidade contemporânea” (SERPA, 2007, p. 176). Justo porque, se a veiculação das imagens é intencionalmente recortada, as representações que se têm das mesmas podem, certamente, ser negligenciadas.

Nas reflexões correntes que se referem ao ensino de Geografia, observa-se um crescente interesse na busca da compreensão subjetiva dos lugares e o reconhecimento desse saber complexo como um conhecimento da organização do espaço, onde se tem partido da investigação por meio das representações imagéticas dos sujeitos acerca do seu ambiente vivido ou tele-percebido (OLIVEIRA JR, 1994). Afinal, segundo Oliveira JR: “as duas cidades: a vivida e a tele-percebida não se contrapõem na formação da imagem mental de um determinado espaço... ao contrário, elas se interpenetram, constituindo-se como mediadoras uma da outra” (OLIVEIRA JR, 1994, p. 105).

Compreende-se, portanto, que o cotidiano do aluno compõe-se também do universo visual ao qual ele se submete diariamente através dos meios de comunicação e tecnologias presentes na sua realidade, indo para além das informações, imagens e representações do seu local geográfico vivido imediato, seu bairro, comunidade e/ou espaço escolar, o que demanda, como já sugerido, um desvendamento e senso crítico diante dessas imagens que, muitas vezes, lhes chegam recortadas e/ou narradas de maneira bastante seletiva.

Apoiando-se nessa premissa, acredita-se na validade e no potencial da metodologia de investigação aqui proposta, através das representações do espaço vivido e tele-percebido por meio de **mapas mentais** (OLIVEIRA, 1976; OLIVEIRA JR, 1994; KOZEL, 2004; NOGUEIRA, 2002).

No tocante aos estudos que vinculam os mapas mentais ao ensino de Geografia, segundo Nogueira (2002, p. 125-131), existem diversos trabalhos acerca da compreensão e da necessidade de utilização desse instrumento naquilo que se chama de “alfabetização visual” no ensino de Geografia. Essa mesma autora faz um minucioso relato de experiência em recente artigo

onde chama muito à atenção acerca da validade da aplicação da metodologia proposta. Com argumentos e justificativas diversos, estudiosos da área preocuparam-se em levar em conta que os alunos têm representações espaciais dos lugares vividos e que se deve reconhecer o saber dos lugares de vida dos alunos como “um conhecimento da organização do espaço” (GASPAR; MARIAN, 1975 apud NOGUEIRA, 2002, p. 126); pois, por essa linha de raciocínio, “é imperativo levar em conta que os alunos têm representações espaciais que, mais do que pré-adquiridas, devem ser consideradas como sistema explicativo, coerente e operacional” (BAILLY; ANDRÉ, 1989 apud NOGUEIRA, 2002, p. 127). De acordo com Nogueira, o trabalho com mapas mentais permitiria ao professor tomar como referência o “nível de espacialização” pré-existente de seus alunos sobre determinado território ou lugar e, a partir disso, construir saberes referendados em informações originais fornecidas pelos próprios sujeitos produtores dos mesmos (NOGUEIRA, 2002). De acordo com Oliveira JR:

Creio que nós, professores de Geografia, estamos construindo em nossas narrativas acerca do espaço geográfico atual, uma realidade desprovida de força para se fixar na memória, justamente por não incluir nessas narrativas as experiências e imagens pessoais acerca do espaço geográfico (OLIVEIRA JR, 2002, p. 356).

Portanto, considerar que representações geográficas são e devem ir para além das representações cartográficas técnicas, é tentar superar uma leitura funcionalista e simplificadora do espaço que a tradição científica da Geografia, muitas vezes, ainda teima em manter.

## Exercitando o olhar geográfico complexo: um panorama de experiências no espaço escolar

### Experiência 1 – A aproximação da Geografia “acadêmica” e a escola

Em 2003, com a orientação de dois trabalhos monográficos, o primeiro intitulado *Castro Alves/BA: Um outro olhar, a percepção ambiental e a redes-*

*coberta do lugar* (SOUZA, H., 2003); e o segundo com o título *Educação ambiental em São Felipe/BA: Percepção, Representação e Prática dos Professores/Educadores* (SILVA, 2003), ambos defendidos no curso de pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável, oferecido pela Universidade do Estado da Bahia, houve a oportunidade de ingressar nos estudos acerca das representações espaciais atrelados à Geografia escolar. A idéia central do primeiro trabalho citado era a preocupação com a preservação do patrimônio histórico-ambiental da cidade de Castro Alves/BA, para tanto, o autor seguiu um caminho metodológico onde elegeu alunos da escola pública em que atuava – na função de educador – como uma das categorias de entrevistados. Desta forma, buscou “fazê-los conhecer melhor a história da cidade [...] além de descobrir em si próprios e nos demais, os sentimentos relativos à percepção ambiental [...] sobre alguns espaços importantes da cidade[...]” (SOUZA, H., 2003, p. 23). Através da elaboração e do uso de mapas mentais, com o cruzamento de dados coletados das entrevistas, foi possível fazer a leitura e a análise das supostas razões que explicariam o comportamento socioespacial da população local no que se referia às emigrações que ocorriam ali. A pesquisa culminou com dois resultados paralelos: promoveu a integração através de um olhar mais crítico/ reflexivo dos educandos com seu meio, seu espaço vivido, uma vez que os mesmos se tornaram os protagonistas da investigação de sua própria história, ao tempo em que propiciou a coleta de dados e informações relacionados ao tema da percepção ambiental e que foi ampliado posteriormente com a continuidade da investigação de outros fenômenos particulares observados na comunidade local.

Quanto ao segundo trabalho, a autora procurou investigar as práticas pedagógicas dos professores/educadores do município em que atuava como tal, refletidas a partir da percepção e da representação social que os mesmos teriam da questão ambiental. Para tanto, a autora buscou analisar as idéias, o significado e o sentido do tema, vistos pelo olhar dos educadores, quanto à importância da discussão ambiental na prática cotidiana de sua disciplina em sala de aula.

A principal contribuição desses estudos está na capacidade de, além de explicar/dar razões ou respostas de **ordem objetiva** às questões levantadas, relativizá-las com os **aspectos subjetivos** referentes à percepção, vivências

e expectativas ali presentes e que são inerentes aos grupos humanos, culminando com resultados muito interessantes e que certamente estariam escamoteados, não fossem o esforço e certa ousadia na abordagem complexa dos fenômenos investigados.

## **Experiência 2 – A necessária produção de material didático**

Essa experiência ocorreu na sala de aula das disciplinas Prática de Ensino em Geografia I, II, III e IV, e foi realizada de maneira interdisciplinar e de forma processual, portanto, os resultados parcial e final são méritos de todo o corpo docente do curso, o que fez extrapolar o tempo/espaço de um semestre e de um só componente curricular para a construção do produto final. A proposta, em princípio, buscou atender à discussão acerca dos impactos sócio-ambientais observados, em especial, nos povoados do Cruzeiro de Laje e Albino, localizados na região do recôncavo baiano, a partir da construção de uma barragem. O material didático foi proposto e elaborado por um grupo da turma a fim de contemplar as exigências da Avaliação Transversal (A.T.), articulada pelo componente curricular Prática de Ensino.

No decorrer das discussões em sala e fora dela (quando das visitas às comunidades estudadas), optou-se por investigar e trabalhar com a percepção e os conhecimentos prévios dos habitantes dos povoados supracitados acerca da realidade que ali se apresentava, além disso, foi observada a necessidade de debater e propor a produção de materiais didáticos alternativos ao livro, até então muito utilizado como única fonte didática nas escolas locais. Dessa forma, procedeu-se algumas modificações no projeto original, o qual adquiriu outro título: “Cartilha didática: uma alternativa para práticas pedagógicas”, bem como foi readequado o objetivo geral, que passou a ser a investigação, por meio de vários instrumentos, entre eles, os mapas mentais, da percepção dos educandos sobre os impactos sócio-ambientais decorrentes da construção da Barragem do Rio da Dona. Buscando, através da participação dos mesmos na produção de tais mapas, a valorização de seus conhecimentos prévios, suscitando, assim, um debate teórico-metodológico sobre percepção sócio-ambiental. O exposto a seguir, pontua os principais percursos metodológicos perseguidos pelo grupo executor da proposta. Em princípio, selecionou-se algumas fontes teórico-conceituais, que foram

tomadas como base para introduzir uma discussão sobre os temas vinculados à cartilha (erosão, conservação ambiental, mata ciliar, paisagem...). A seguir, optou-se por coletar e considerar as informações relativas às vivências da comunidade extraídas através de relatos dos moradores e estudantes locais, os quais foram fontes cruciais para elaboração desse material. Durante o processo de elaboração do projeto definido no interior da referida disciplina, definiu-se, conjuntamente, por um caminho metodológico que demonstrasse a capacidade de investigar conhecimentos pré-existentes acerca do tema pretendido. Por essa razão, também foram realizadas leituras referentes aos instrumentos de coleta, como os modelos de entrevistas e, principalmente, a utilização dos mapas mentais. Tomando contato com a bibliografia eleita para as discussões em sala, se iniciou o traçado do caminho metodológico que sustentou a construção desse trabalho.

Após essas leituras e discussões, optou-se pelo caminho metodológico de investigação através das representações do ambiente vivido por meio de **mapas mentais**. Os mapas mentais têm mostrado o quanto se torna possível, através da leitura e representação das imagens do ambiente, mensurar as informações e interpretações variadas que os sujeitos possuem e, a partir daí, encaminhar as atividades e discussões acerca do tema proposto.

Essa pesquisa teve, como produto final, a construção de um material didático cujo propósito seria o de contemplar a carência de recursos pedagógicos que abordassem aspectos do conhecimento em escala local, ademais, por perceber que o público regional tem grande potencial para o trabalho de extensão, integrando comunidade e universidade, a produção desse material foi definida no formato de uma cartilha, como meio de tornar a sua adoção menos onerosa aos gestores locais e mais acessível aos discentes.

O grupo responsável pela pesquisa e execução da cartilha didática avalia, em recente texto apresentado no XXIII EREGENE - Encontro Regional dos Estudantes de Geografia, os resultados positivos dessa experiência. Os pontos em destaque, segundo os autores, seriam: 1) a oportunidade de avaliar e analisar alguns livros didáticos, observando que, inúmeras vezes, está retratada ali uma realidade distante, por isso, os/as educandos/as não se sentem representados/as e nem percebem suas realidades refletidas nesses livros que, normalmente, enfocam os problemas e situações verificados, sobretudo, na região sudeste; 2) a cartilha, ao valorizar o cotidiano dos/as discentes,

buscou despertar nos/as mesmos/as a atenção para a responsabilidade pelos problemas sociais e ambientais de suas localidades, percebendo que o acúmulo das ações coletivas pode fomentar transformações em nível local, regional e até global, através do despertar da consciência e do poder de organização e de pressão social; 3) o estudo e a produção do material conjuntamente com os sujeitos como protagonistas deu visibilidade aos problemas enfrentados em nível local e que são reflexo de uma lógica global imposta sem discussão com os agentes do lugar, daí a relevância em estudar o nível escalar micro, confrontando-o com discussões mais abrangentes e sem isolá-lo no tempo e no espaço; 4) a preocupação em “pedagogizar” os temas geográficos aproximou a linguagem local dos conceitos teóricos próprios da Geografia, considerando que é sempre muito necessário o esforço em levar em conta o conhecimento popular, não sistematizado ou não-formal como construção teórica, diminuindo a tensão/barreira existente entre este e o chamado conhecimento acadêmico. Além dessa avaliação, o grupo ressalta que este material pedagógico se encontra em permanente processo de construção-re-construção e, nesse momento, faz-se experimentações de propostas de ação pedagógica com o uso do mesmo, prevendo um trabalho de socialização com a comunidade e até mesmo estendê-lo a outras escolas do entorno de forma a alcançar um dos principais objetivos que é disponibilizá-lo como mais um elemento didático de apoio, que possa contribuir para as práticas pedagógicas nos espaços educacionais formais e não-formais da região (NERI; SOUZA; JESUS, 2006).

### **Experiência 3 – Mapas mentais: para perceber, interpretar e representar o ambiente vivido e “tele-percebido”**

Essa experiência foi desenvolvida através de um projeto de pesquisa proposto e aprovado no Departamento de Ciências Humanas - V da UNEB. Esse projeto está inserido no núcleo Viajar, criado por um dos docentes do departamento – prof. Augusto Mendes, e que consiste num programa amplo cujo objetivo é o de “implementar ações de ensino, pesquisa e extensão voltadas ao desenvolvimento da imaginação geográfica e à formação da consciência espacial, referenciado na realidade do ensino de Geografia na escola básica, através do estímulo à capacidade dos educadores e discen-

tes de agirem como seres criativos, capazes de pensar e imaginar soluções criativas para os desafios enfrentados." A partir do contato com professores e estudantes de Geografia, bem como com os órgãos de administração dos sistemas de ensino, propôs-se desenvolver uma série de investigações e projetos de extensão que contribuíssem para a melhoria da qualidade do ensino de Geografia na região apontando para o redimensionamento dos estágios supervisionados.

O núcleo conta com linhas de estudo divididas em subtemas, um dos projetos temáticos concentra-se na linha de pesquisa sobre Mapas Mentais no ensino de Geografia. Essa linha tem como preocupação mais central promover a discussão em torno do que é ou como se dá a representação espacial, tomando como ponto de partida, além do mundo vivido de cada um e de seus alunos, a percepção de como estaria sendo absorvido o conhecimento dos lugares, dado por informações e imagens de viagens, leituras de histórias, televisão, cinema, músicas, etc. e como essas representações do ambiente podem auxiliar ações reflexivas e propositivas no cotidiano dos/as educandos/as dentro e fora da escola.

Após realizar alguns encontros com discussões e atividades práticas com professores e alunos da rede pública de ensino acerca da temática, esse projeto foi desativado em razão de contingências tais que inviabilizaram a execução das outras fases previstas no projeto original, como: garantia mínima de financiamento de pesquisa na universidade associado aos fatores de ordem estrutural referentes à precariedade das condições de trabalho e de formação continuada dos professores da rede de nível médio e fundamental das escolas públicas, o que inviabilizou a realização de diversos encontros.

A despeito de todas as dificuldades encontradas, observou-se que os debates realizados nos espaços e tempos possíveis tiveram como decorrência a introdução de novas práticas experimentais na sala de aula de estágio supervisionado. Houve o acompanhamento e monitoramento de aulas de Geografia orientadas por uma forma de pensar o fazer geográfico sob outra racionalidade. Percebeu-se a iniciativa de parte dos estagiários em buscar dialogar com práticas libertadoras da imaginação e da criação de saberes referendados no conhecimento prévio de seus respectivos alunos, e esses, por sua vez, responderam de forma satisfatória, relatando, ao final dos está-

gios, as suas impressões sobre as aulas de Geografia de antes e depois da presença do/a estagiário/a em suas salas. Desse *feedback* surgiram diversas práticas alternativas às existentes com vistas à conciliar, na construção do conhecimento geográfico, o discurso científico e o diagnóstico dos conhecimentos prévios que os alunos teriam sobre os temas discutidos em sala. Em alguns casos, surgiram propostas de aula bastante criativas com o uso dos mapas mentais, alguns estagiários e professores em formação inovaram na interpretação e análises das representações espaciais agregando o uso de recursos audiovisuais diversos, como músicas e filmes, expressas por meio de mapas mentais.

#### **Experiência 4 – A experiência interdisciplinar entre a Geografia e a literatura como exercício do olhar complexo**

Esse trabalho buscou discutir com os interessados na temática da Percepção do Espaço uma das várias possibilidades metodológicas de investigação de fenômenos geográficos, pautada em uma perspectiva interdisciplinar de estudo, levando em conta o potencial de análise existente no elo Geografia/Literatura.

Dessa forma, propôs-se ministrar um curso voltado para professores em formação e graduandos em licenciatura, não só da Geografia, mas de áreas afins e que se mostrassem interessados na discussão, uma vez que o desejo maior seria aproximar diferentes possibilidades de análise do espaço geográfico.

A escolha do tema se deu por observar que existe importante produção teórica na área da interpretação do espaço sertanejo na literatura em nível nacional. Portanto, nos interessamos pelo tema *A percepção do espaço sertanejo na obra de dois autores: Guimarães Rosa e Graciliano Ramos*.

O curso iniciou pela discussão do aporte teórico/metodológico dos estudos em percepção do espaço, seus avanços, limites e, especialmente, as possibilidades que esses têm de explorar o potencial da análise geográfica sobre a literatura em foco, aproximando distintas concepções e investigações sobre o espaço geográfico.

Após essa etapa, foi sugerido um longo debate acerca das conceituações sobre *sertão*. Entre os autores selecionados, alguns tiveram um papel



norteador nas orientações dos debates e das análises realizadas pelos cursistas, quais sejam: Tuan (1983); Lima (1996, p. 153-172); Wanderley e Meneses (1996); Oliveira (1976); del Rio e Oliveira (1996); Fremont (1980 apud ALMEIDA, 2003, p. 71 a 88); Machado (1995 apud ALMEIDA, 2003); Szturm (1995 apud ALMEIDA, 2003); Pereira (1995 apud ALMEIDA, 2003); Leonardi (1996 apud ALMEIDA, 2003); Ab' Saber (1994, 1995 apud ALMEIDA, 2003); Souza L. (2002); Nogueira (2002); Rodrigues (2004, p. 291-318), entre outras leituras de apoio.

Quanto às obras literárias dos autores escolhidos, foram disponibilizados alguns contos e/ou fragmentos de estórias. Da obra de Guimarães Rosa analisou-se os contos presentes no livro *Primeiras Estórias* (2001, 15ª ed.) e, de Graciliano Ramos, optou-se pela leitura de capítulos de *Vidas Secas* (2004, 94ª ed.), além de alguns pequenos contos como “A Safra de Tatus” e “O Estribo de Prata”.

A seleção dos trechos das obras se deu considerando o procedimento metodológico definido, onde, organizados por grupos, os alunos iriam selecionar o material, ler, analisar e representar, através dos mapas mentais, os espaços ali evidenciados e por eles percebidos, objetiva ou subjetivamente. Para tanto, havia um roteiro de orientação: após a seleção e leitura dos contos e/ou trechos das obras, deveriam ser elencados os elementos geográficos descritos em cada conto; de posse dos mesmos, os espaços geográficos poderiam ser reconstruídos por meio dos mapas mentais em papel transparência para exposição e discussão comparativa entre as distintas concepções do espaço sertanejo, considerando as similaridades e as diferenciações, tendo em conta recortes geográficos distintos diante de uma só noção conceitual.

Para as análises, foi sugerida a orientação de Wanderley e Meneses (1996, p.175) que propõem uma categorização possível de noções conceituais para a interpretação dos espaços configurados. A partir disso ficou definido que todos iriam analisá-los seguindo a mesma idéia, como forma de evidenciar e estabelecer as comparações desejadas. Segundo as autoras, a análise poderia ser feita à luz das categorias: “natureza, família, poder e religião/sobrenatural”.

Após a exposição dos trabalhos e um longo debate durante a avaliação final coletiva sobre o curso, pode-se constatar que a experiência foi válida por diversos motivos. Além de por à prova a aplicabilidade metodológica

dos mapas mentais, as discussões teóricas entrelaçadas levou ao entendimento de que a noção conceitual de sertão é muito complexa e variada no tempo e no espaço.

Discutiu-se que há, ainda, a possibilidade de distintas representações do espaço sertanejo a partir das informações que possuímos, transmitidas/veiculadas pela literatura e/ou pelas imagens “tele-percebidas”, como bem indicou Oliveira JR (1994).

A despeito das concepções iniciais acerca do que significa sertão, houve a compreensão de que os sentidos do termo remetem, para além de qualquer definição dada por recortes físicos, políticos e/ou administrativos, a relações subjetivas e objetivas estabelecidas entre os sujeitos e o espaço/lugar em que se inserem, essas relações irão definir suas formas de descrição e interpretação espacial, variadas segundo distintas temporalidades e espacialidades.

Uma outra consideração pontuada pelos alunos, se deu em torno da leitura fenomenológica do espaço. Percebeu-se, através das várias acepções da produção teórica disponível, que os estudos no campo da Geografia da Percepção contribuem em muito para uma nova atitude científica, uma vez que convergem com uma visão interdisciplinar e multireferencial e, portanto, complexificada, de investigação, rompendo com a visão clássica linear em que ambiente e cultura seriam vistos dissociadamente.

## Algumas considerações

Na perspectiva de religar diversas formas de expressão, interpretação e linguagens, cabe à Geografia, como ciência que possui caráter multidimensional por si só, a difícil tarefa de exercitar o diálogo com distintas formas de enxergar o mundo. A aventura e exploração epistemológicas são sempre tidas como objetos de risco, por outro lado, permitem novas e aguçadas formas de leitura do espaço. Essa é a aposta. Segundo Morin (1998), “com a complexidade ganhamos a liberdade”, e, por isso, “essa nova abordagem e compreensão do mundo, confere também um novo sentido à ação: trata-se de fazer nossas apostas”.

Diante da tentativa de ampliação epistemológica de abordagem, considera-se que a leitura unireferencial do mundo não dá cabo das implicações estabelecidas pelas relações do indivíduo com a exterioridade, e por isso é fundamental que se empreenda um esforço no sentido de buscar outras explicações para responder às muitas questões que definem comportamento e produção socioespaciais, porque são estes socialmente construídos e, as suas práticas, relacionais.

Os relatos de experiência aqui expostos deram conta de debater e analisar algumas das representações espaciais que, em parte, compõem o complexo mundo da Geografia da sala de aula, cujos elementos, a despeito das determinações históricas pré-existentes, revelam características singulares responsáveis por criar e/ou redimensionar mundos a partir de como os sujeitos constroem suas representações do espaço.

Acredita-se, desse modo, que a iniciativa apontou para um caminho a mais na exploração de novas abordagens teórico-metodológicas no ensino de Geografia vinculadas ao campo das representações.

## *Referências*

- ALMEIDA, M. G. Em Busca do Poético no Sertão. In: ALMEIDA, M. G.; RATTI, A. J. P. (orgs.). **Geografia Leituras Culturais**. Goiânia: ed. Alternativa, 2003.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel e editora UFSCar, 1996.
- GENTILE, P. Um Mundo de Imagens Para Ler. **Revista Escola**, São Paulo, ed. 161, abril/2003.
- GOTTSCHELL, C. Cultura do Consumo: vários mundos em uma cidade. In: **Bahia Análise & Dados**, Salvador-Ba, n. 2, vol. 9, set./1999, p. 30-38.
- KOZEL, S. Das “velhas certezas” a (re)significação do geográfico. In: SILVA, A. A. D e GALEANO A. (org.). **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 160-180.
- LIMA, S. T. de. Percepção Ambiental e Literatura Espaço e Lugar no Grande Sertão: Veredas. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel e editora UFSCar, 1996.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. p. 329-341.

\_\_\_\_\_. Complexidade e Liberdade. **Ensaio Thot**. São Paulo –SP: Associação Palas Athena, no. 67, 1998, p. 12-22.

NERI, M.; SOUZA D.; JESUS, N. A questão sócio-ambiental decorrente da construção da barragem do Rio da Dona/ Santo Antonio de Jesus-BA: Um novo olhar sobre vivências e percepções ambientais. In: XXIII EREGENE- Encontro Regional dos Estudantes de Geografia. 11/2006, Natal/RN, **Resumos...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. 2006. 1cd.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa Mental: Recurso Didático para o Estudo do Lugar. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 125-131.

OLIVEIRA JR., W. M. de. **A Cidade Tele-Percebida**. Campinas-SP: Unicamp. (Dissertação de Mestrado), 08/1994.

OLIVEIRA JR., W. M. de. Realidades ficcionadas: palavras e imagens de um telejornal brasileiro. In: **Anais da 23ª Reunião da ANPED** (cd-rom) GT Educação e Comunicação, Caxambu, 2000.

OLIVEIRA JR., W. M. de. Perguntas à Televisão e às Aulas de Geografia: Crítica e Credibilidade nas Narrativas da Realidade Atual. In: PONTUSCHKA, Nidia e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (org.). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 353-365.

OLIVEIRA, L. de. Contribuição dos Estudos Cognitivos à Percepção Geográfica. **Geografia**, Rio Claro, n.1, v. 1, ano 1976.

RAMOS, G. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 94ª ed. 2004.

RODRIGUES, M. de F. f. Diálogo com a escrita sobre o sertão. In: SILVA, A. A. D e GALEANO A. (org.). **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 15ª ed. 2001.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. 205 p.

SILVA, V. S. **Educação ambiental em São Felipe/BA: Percepção, Representação e Prática dos Professores/Educadores**. (Monografia de Especialização), Santo Antônio de Jesus-Ba: UNEB/ DCH-campus V, 05/2003.

SOUZA, H. R. de. **Castro Alves/BA: Um outro olhar, a percepção ambiental e a redescoberta do lugar**. (Monografia de Especialização) Santo Antônio de Jesus-Ba: UNEB/ DCH-campus V, 05/2003.

SOUZA, L. C. T. de. **Morro de São Paulo/Cairu-Ba: uma decodificação da paisagem através dos diferentes olhares dos agentes socioespaciais do lugar**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal da Bahia, Salvador-Ba.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

WANDERLEY, V.; MENÉSES, E. Do Espaço ao Lugar: Uma Viagem ao Sertão Brasileiro.  
In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.). **Percepção Ambiental – A Experiência  
Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel e editora UFSCar, 1996. p. 173-183.